

# Adeus, Malakuyawá

Morreu o grande chefe de uma nação onde o homem não é senhor da mulher

Washington Novaes

**N**A manhã luminosa de agosto na aldeia waurá, no Alto Xingu, o grande chefe Malakuyawá passou à nossa frente absolutamente nu, sem nenhum adorno ou pintura, balançando seus colhões. E nunca homem algum, monarca algum, pareceu mais digno e solene que o ex-guerreiro e líder de seu povo — como registrou a câmera magistral de Lula Araújo na série Xingu, exibida pela Rede Manchete.

Malakuyawá morreu esta semana. E fez lembrar o dirigente da Unesco que, referindo-se a povos africanos, ditos primitivos como os nossos índios, observou um dia que "cada vez que morre um velho, aqui, é como se pegasse fogo numa biblioteca".

Malakuyawá era a grande biblioteca de seu povo, uma nação da família aruaque que não tem linguagem escrita. Na sua cabeça e na sua memória estavam toda a mitologia de sua gente, toda a sua história, todo o vasto conhecimento da flora e da fauna, das matas e dos rios. A sábia organização política na qual ninguém manda em ninguém e todos são igualmente livres e solidários. A sofisticada organização social em que o homem não é senhor da mulher e nenhum dos dois bate em filho pequeno nem grita com ele. E ainda o complexamente simples código das relações com os espíritos — Malakuyawá era chefe e pajé-grande.

Não bastasse tudo isso, o chefe morto era ainda a história viva do Xingu, dos povos que entenderam a proposta dos irmãos Villas Boas e preferiram refugiar-se ali para escapar ao extermínio comandado por outros brancos que estavam chegando.

Uma grande parte de tudo isso se está perdendo com a grande viagem de Malakuyawá. Seus filhos — já parcialmente aculturados — sabem muito menos que ele, seus netos menos ainda.

E, fora do Xingu, quase ninguém lamenta, não chora, nem se preocupa. Nem se lembra de que temos só mais uns poucos anos para registrar, documentar, a riqueza dessas poucas culturas ainda preservadas — para que um dia, quando tomarmos juízo e decidirmos reformular nossa vida e nossas instituições, tenhamos uma experiência rica para nos iluminar o caminho.

Para que Ministério da Cultura se isso não nos preocupa? Para que Ministério da Ciência e da Tecnologia se deixamos desaparecer todo o conhecimento sobre milhões de espécies nativas que nos farão falta amanhã? Para que Universidades se não nos interessam formas sociais e políticas muito mais sofisticadas que as nossas? Para que fundações de arte se nem nos lembramos de uma música que chega a combinar cores e notas?

Quando chegamos à aldeia dos waurá em fins de julho de 1984, para começar a gravar a série Xingu, Malakuyawá nos recebeu em sua casa nova, ainda parcialmente descoberta e deixando passar sol e lua nas tardes escaldantes e nas noites geladas. Ofereceu-nos tucunaré moqueado, biju, sal de aguapé com pimenta e água. E hospedagem.

Depois, levou-nos ao centro da aldeia, diante da Casa dos Homens, onde os waurá enfeitados e pintados nos esperavam. E a partir daí os waurá nos carregaram no colo, fizeram tudo o que podiam para mostrar àquele pequeno grupo de brancos desconhecidos o que é a força e a beleza de uma cultura indígena preservada. Malakuyawá sempre à frente, orientando, liderando, explicando (à sua própria gente).

Acostumamo-nos a vê-lo com sua dignidade em todas as horas e todas as situações — nu, no alto de uma escada, cobrindo de palha sua nova casa; marcando com o chocalho as danças da tawaraná, enfeitado



com braceiras e cocar de pele de onça; promovendo o casamento do tímido Malula com a envergonhada Kulaf; arrancando a mandioca para sua mulher, Kauné, transportar; pescando com o puçá de cabo longo no rio Batovi, na pescaria coletiva de sua gente; liderando a pajelança para ajudar Uluçan a dar à luz.

Nesse dia das dores de Uluçan, Malakuyawá pediu que fechassem as portas de todas as casas e fizessem silêncio absoluto. Queria "ouvir os pássaros" para saber que espírito entrara no corpo da mulher e dificultava o parto.

Assim foi feito. E uma meia-hora mais tarde, ele já sabia: era o espírito "dono da mandioca". Seria preciso alimentá-lo e dançar para ele. Encarnado e satisfeito, ele poderia deixar o corpo de Uluçan. (E assim se fez, durante um dia, uma noite e mais meio dia. Até Uluçan dar à luz Tilá-tilá, uma waurazinha toda enrugada.)

Preocupado com a situação da waurá que não conseguia parir, procurei dentro de mim um gesto que mostrasse a Malakuya-

wá a nossa solidariedade. Dei-lhe um caramujo do mar que carregava em minha bolsa como um talismã, dado por minha mulher, Virginia. "É do mar. Dá sorte" — expliquei.

"Mar!" — ele repetiu, pensativo e contente. E sorriu, mostrando-o ao genro Yupalaná.

Minutos mais tarde, Malakuyawá subiu ao jirau sustentado pelos estelos centrais da casa, pegou um cacho de bananas e me entregou — sem nenhuma palavra, do mesmo jeito que entregava tucunarés e biju, pintados e mingau de mandioca.

Era um homem de poucas palavras, o que menos falava nos fins de tarde, quando os waurá mais velhos se sentavam no chão e nos banquinhos, diante da Casa dos Homens debilmente iluminados pela fogueirinha, pitando o último cigarro de ervas e jogando conversa fora, antes de a lua e as estrelas comporem aquele despropósito de luzes na escuridão que cobria a aldeia.

Enquanto as rodinhas de fogo cobriam de vermelho o semblante sereno daqueles homens, Malakuyawá, atento, quase só ou-

via. Aqui e ali, soltava um monossílabo, um comentário curto. As vezes, surpreendia com um riso. Mas qualquer recém-chegado saberia de imediato que ele era o líder respeitado e inquestionado. Sempre o primeiro a levantar-se e carregar seu banquinho de chefe.

Agora, Malakuyawá está começando sua longa viagem em direção à aldeia de seus ancestrais. Enfeitado com o cocar e as braceiras de pele de onça, levando seu arco e suas flechas, o grande chefe vai ter de enfrentar os passarinhos, o sapo, a palmeira espinhenta, todos os obstáculos que se antepõem no caminho de quem acaba de morrer e caminha ao encontro de seus antepassados.

Na aldeia, seu povo estará dividido entre a dor e o medo de que o novo espírito queira levar alguém junto. Sua viúva, Kauné, estará reclusa em sua casa, sem poder pintar-se nem enfeitar-se, sem chorar nem dizer o nome do seu homem.

Kauné vai lembrar-se de toda uma vida em comum com seu marido, seu protetor, seu amigo. Serão milhares de lembranças. E entre elas talvez esteja a daquele dia quente, quando a neta catava pilhos na cabeça de Kauné, sentada distraída à porta da casa, e aqueles carafas branquelos e peludos chegaram em silêncio com suas máquinas de filmar.

Quando Kauné percebeu, os homens brancos estavam bem perto, apontando a máquina para ela. Primeiro ela se assustou. Depois, descontrolada, começou a chorar.

Malakuyawá, que fazia a sesta na rede, no fundo da casa, levantou-se imediatamente. Tentou brincar com Kauné, que escondia o rosto entre os braços. Ri para ela, apertou-lhe os peitos murchos, provocando. Mas, ao perceber que ela continuava desconsolada e envergonhada, enlaçou-a com seus braços fortes, afagou-lhe longa e suavemente os cabelos, acariciou-lhe o rosto molhado de lágrimas, até que se acalmasse.

Mandou pegar dois banquinhos, sentou-se ao lado dela, deu-lhe o braço, encorajou-nos com firmeza e permitiu: "Agora pode filmar."

Agora, vamos ter de nos acostumar a ver o sábio, galante e cavalheiresco Malakuyawá sob novas formas. Vamos ter de acostumar-nos a reconhecê-lo no bem-té-ve estridente que dá um vôo rasante sobre o Batovi. Nas flores do pequi que perfumam a aldeia em agosto. Na onça sorradeira que se aproxima da nascente para beber água no fim do dia. Na lua enorme que se ergue por trás da silhueta das casas waurá banhadas de fogo pelo poente. No riso de Tilá-tilá, crescendo ao lado de sua mãe que rala mandioca. No pio da coruja que chama o waurá para o mato. E no grande tronco enfeitado que os waurá erguerão no centro de sua aldeia, no dia do Kuarup, para que Malakuyawá nele se encarne e Kauné, Atamai e todos os waurá chorem a ausência do seu homem, do seu pai, do seu líder.

De madrugada, quando os pajés enterrem as cinzas da fogueira que terá ardo durante toda a noite diante do tronco de Malakuyawá, seu espírito se despregará da madeira e dará os últimos passos em direção à aldeia dos ancestrais, na viagem sem volta.

Nós ficaremos aqui, muito mais pobres. Tristes e solitários. Com a só esperança de que um dia, como na utopia dos poetas, todas as aldeias se unam, eliminem as fronteiras e nos juntem, todos, na grande nação dos homens livres e solidários.

Adeus, grande irmão. Até um dia.